



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

8 de Novembro de 2008 • Ano LXV • N.º 1687
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@oi.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Padre Américo Páginas Escolhidas

Foi na verdade uma tarde deliciosa de beleza e de paz, a da apresentação deste livro: Cheia a sala e denso de interesse e de afectos o ambiente que Apresentado e Apresentadores criavam.

A nossa profunda gratidão a Eunice Muñoz e a Joã de Carvalha, não só pela nível que deram à sessão como pelo encanto amigo, extremamente delicado, que manifestaram por estar presentes, querendo quase apagar o nosso agradecimento com o seu. Deus lhes pague.

Parque não queremos omitir aos Leitores d'O GAIATO o que nas suas colunas podemos registar, e se trata de um texto longo, damos já a palavra ao Doutor Luís Fernandes.

Boa tarde. Eu devo começar por aquilo que é habitual nos começos que é o agradecimento. Mas este agradecimento eu quero que seja sem cerimónia porque não fora ter sido convidado para apresentar este livro, eventualmente eu teria perdido um momento raro da minha vida.

Quando o Padre Américo morreu eu ainda não tinha nascido e a minha geração, que é uma geração que está agora nos quarenta e tais, provavelmente porque vive num mundo de excesso de infor-

mação, acaba por perder muito do que é o nosso património, um património que ainda não está divulgado pelos canais mais mediáticos. O património vai de algum modo dormindo nos arquivos, nalguns recônditos onde a sociedade do espectáculo, não os descobre. E foi essa a rara oportunidade de ter sido convidado para a apresentação deste livro.

Eu desde criança recebi em minha casa o Jornal O GAIATO. Obviamente não era eu quem o assinava, era minha mãe que,

várias vezes, me chamou à atenção para essa leitura. Em miúdo, confesso que não lia. Descobri o Jornal O GAIATO muito mais tarde, aliás, curiosamente, o princípio do conhecimento que fez com que este convite surgisse. Foi justamente ao ler nas d'O GAIATO, já eu era um jovem investigador na área das Ciências Sociais a começar a minha carreira profissional, ao ler um texto que nos falava do Barredo, o texto interessou-me muito. Interessou-me pelo seu conteúdo, mas também porque, na altura, eu próprio tinha de fazer um trabalho sobre a Ribeira-Barredo, um trabalho de caracterização do meio. E pensei: está aqui uma fonte de dados que eu desconhecia... E escrevi para O GAIATO, procurando mais elementos sobre o Barredo. Enfim, isto já foi há 20 anos e foi assim que estreitei alguma relação com a Casa do Gaiato. E eis que, agora, me surgiu este convite. Por isso o agradecimento, porque, de facto, penso que vou ter, já tive, uma experiência antecipada; e, agora, muitos portugueses vão poder te-la, porque o livro vai sair com o Jornal Público, e assim comunicar um pensamento surpreendente.

Eu começaria justamente por aí, porque é um livro espantoso. E a palavra é essa — é o espanto. Porque o espanto anda um bocado perdido nas nossas sociedades, que de tanta coisa vemos, de tantos canais mediáticos nos injectam tanta informação, perdemos a capacidade de nos espantar, e às vezes é preciso recuperar o espanto, por várias razões. Em primeiro lugar porque se descobre a dimensão de um pensador e de um pedagogo que eu penso que o público, o grande público, ainda não reconheceu.

Estávamos no Porto dos anos 40 e 50, num Porto de uma sociedade onde a expressão não era livre e a escrita do Padre Américo era liberta, dizia tudo. Dizia o que era preciso, em frases simples mas profundas. Eu dei por mim nestas páginas a pensar como é que em Portugal com o lápis azul da Censura sempre pronto a riscar, alguém podia escrever isto. E como é que alguém dentro da própria Igreja Católica tem esta voz corajosa, e tem, sobretudo, esta nitidez de ver a sociedade e esta limpidez de a dizer. É nítido e é límpido.

Vou falar a partir de duas posições que são aquelas que eu assumo. Uma posição, enquanto alguém que, como investigador

CALVÁRIO

Ternura

A senhora Antónia refugia-se no quarto vezes sem conta. Ali sentada, sorridente, embala uma boneca ao colo, repetindo o que fez em tempos com os filhos, agora distantes e esquecidos dela. Uma ternura!

Aqui em Casa, esta palavra não é um mero substantivo abstracto, vago, incompleto. Encontro-a encarnada a cada momento.

A tia Isabel, logo pela manhã, vai direita aos canteiros acariciar as flores, colhendo as secas e regando as restantes. Ela não quer que passem sede os seus «amores».

O Carlos escolhe um dia — escolhe muitos — para fazer anos. E passa as horas cumprimentando todos, cantando: hoje é dia de festa! Para ele todos são seus amigos do coração. Faz a festa e deita os foguetes.

A Ernestina, pequena e meiga, é um ser carente. Pela manhã vem sempre saudar-me: — *Sou sua amiga.* — e de seguida, em jeito de mãe, coloca o babete no peito da Alice para a refeição.

Muitos são os gestos simples de ternura que se repetem nesta Casa.

Os adultos estimam-se, mas raramente manifestam os sentimentos uns dos outros.

Alguém chorava convulsivamente junto do pai falecido. Perguntaram-lhe porque chorava. E ele respondeu com tristeza: — *Eu era amigo do pai, mas nunca fui capaz de lho dizer. Agora já é tarde.*

Muitos pensam que é infantilidade manifestar os nossos sentimentos afectuosos. Mas são eles que nos aproximam fortemente. No entanto, com os anos vamos perdendo candura e esfriamos.

E mesmo só os gestos de ternura não bastam.

É preciso que se vá mais longe e que se diga o que nos vai dentro, o que sentimos pelos outros, para que as palavras sejam veículo transmissor do que sentimos por aqueles que estimamos.

Os Apóstolos deixaram tudo para seguir Jesus. Eram naturalmente amigos d'Ele, mas não o diziam. Talvez pensassem que isso seria coisa de crianças. Eles até as sacudiam da beira do Mestre.

Eram certamente amigos, mas Jesus desejava que o afirmassem. Por isso, perguntou a Pedro:

— Pedro, tu amas-Me? Tu és meu amigo?

— Tu sabes que Te amo — respondeu Pedro à tríplice insistência de Jesus.

A pequena Ernestina não precisa que lhe peça. Ela é espontânea todas as manhãs.

— *Sou muito tua amiga. Só tenho este padrinho.*

E eu que nunca quis ter afilhados, por mor dos ditos, isto é, pelo que se diz dos que os têm!

Com palavras sinceras de carinho, quebra-se o gelo entre os homens e faz-se comunhão.

Padre Baptista

da Universidade do Porto, tem dedicado especial atenção à marginalidade, aos fenómenos da exclusão social, da pobreza, das periferias sociais problemáticas, dos pontos mais excluídos da Cidade. Tem sido este o forte do meu trabalho que me tem levado, não pela mesma via do Padre Américo, naturalmente, mas por

outras vias, a conhecer um pouco os mesmos terrenos.

A outra posição, é a de alguém que gosta muito da escrita, que gosta da literatura, e que até mesmo gostava de ser escritor, se tivesse talento para isso. Mas, mesmo assim, há uma zona de

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

OBRAS — Há pouco tempo estive-mos a fazer obras na casa-de-banho da casa 2. O sr. Paulo colocou os novos azulejos. O Júlio e o «Paizinho» fizeram a canalização da água e também colocaram os espelhos. Também está-se a começar obras na casa 4, para remodelar a casa-de-banho.

CAMPO — O «Fernandinho» já gradou os terrenos para semear a cevada. Depois disso é que foi semear a cevada. Daqui a 4 ou 5 meses já estará boa para ser cortada e para ensilar.

ARRÁBIDA — O sr. Renato foi com os seus rapazes da serralharia colocar os novos portões da garagem, porque os outros já estavam a ficar velhos. O sr. Nascimento foi também com os seus rapazes arranjar as janelas e as portas que estavam estragadas pela chuva.

MÚSICA — Agora na música entram alguns rapazes. O Gonçalo começou a aprender a tocar trompeta. O Danilo Tavares vai aprender bateria. Temos mais o Hildeberto que começou a aprender clarinete. O Danilo Veza para já está a aprender teoria musical.

João Palma

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — As chuvas de Outono chegaram e, com elas, as ervas daninhas cresceram muito. O campo do lameiro ficou encharcado, porque há mau escoamento das águas na rua Casa do Gaiato.

No pomar, as couves tronchudas pegaram bem, estão bonitas e foram sachadas. Os diospireiros produziram bons frutos. E os pimentos também.

O milho grão foi apanhado ainda com tempo seco e levado para o baraco, no tractor. Aí, as espigas foram desfolhadas pelos Rapazes, a seguir às aulas. O milho, inteiro ou moído, no moinho eléctrico, é muito preciso para os gados.

ANIMAIS — A poente da corte das ovelhas, fez-se um bom redil para o nosso rebanho. Vedou-se com rede ovelheira e, com uma máquina do Grupo Isidoro, arranjou-se o terreno. As ovelhas ficam, também, com acesso às ervas dos pomares de citrinos.

As galinhas têm produzido alguns ovos, que gostamos, nas refeições.

ESTENDAL — Nos antigos balneários, aproveitou-se para montar um estendal para a muita roupa, que é preciso secar, em especial no tempo chuvoso.

VEÍCULOS — A nossa carrinha e o tractor tiveram de ser arrançados, porque o desgaste é grande e têm muitos

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Setembro,
49.900 exemplares**

quilómetros, com os serviços de transporte e agrícolas. As despesas, com concertos, foram pesadas.

DESPORTO — Aos sábados, pelas 15h00, os atletas do nosso Grupo Desportivo concentram-se e equipam-se para os treinos de futebol, da nova época. Se houver boa preparação física e técnica, e disciplina, os jogos a efectuar poderão ter bons resultados.

SALA DE JOGOS — Nessa sala de divertimentos, há uma televisão usada. Foi necessário comprar uma antena interior. É preciso cuidado com as bolas de pingue-pongue e raquetes, que se partem...

PEÇA «O BARBEIRO» — A nossa Casa participou na Festa-Encontro da Obra do Padre Américo, no Coliseu do Porto, que é uma grande sala de espectáculos, da Cidade Invicta. Foi no dia 9 de Outubro, quinta-feira, à noite. Apresentámos uma peça de teatro, de mímica, intitulada «O Barbeiro». O elenco dos actores foi: Prof. Paulo, Joaquim, Rui, José, Belizário, Arlindo, Natanael, Diogo, Luís e Igor. Foi um grande momento teatral, bem representado e que provocou alegria e arrancou do público muitos aplausos.

Vários Padres da Obra da Rua, Gaiatos e muitos Amigos estiveram presentes, enchendo a plateia. A Casa do Gaiato de Setúbal teve a maior participação.

LIVRO DE PAI AMÉRICO — A 18 de Outubro, alguns Rapazes foram ao lançamento do livro Páginas Escolhidas, reeditado pelo Sr. Cruz Santos, na Biblioteca do Porto, nos jardins do Palácio de Cristal. Houve uma conferência do Prof. Luís Fernandes e foram lidos textos por Eunice Muñoz e João de Carvalho. Destacou-se o grande escritor que foi, também, Pai Américo.

ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO — No dia 23 de Outubro, fez 121 anos que nasceu Américo Monteiro de Aguiar, depois Padre Américo. Nasceu na Casa do Bairro, em Galegos, Penafiel. Foi o último de 8 irmãos e seus pais foram Teresa Ferreira Rodrigues e Ramiro Monteiro de Aguiar. Por isso, a nossa Comunidade celebrou a Eucaristia, preparada pelas Catequistas, na nossa Capela, pelas 19h30. Recordou-se a sua vida, vocação e Obra. Ao jantar, festivo, cantámos os parabéns, o Luís e o Fábio apagaram as velas, e todos comemos um bonito e saboroso bolo.

CATEQUESE — A 29 de Outubro, quarta-feira, pelas 19h30, começou a Catequese para os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, em 3 grupos, com os seguintes Catequistas: Madalena e Prof.^a Helena, Mafalda e D. Cecília, Alfredo, Prof.^a Paula. A 15 desse mês, teve início para os Rapazes do Lar de Coimbra, com Catequistas da Residência dos estudantes da Beira.

SENHORA D. MARGARIDA — Esta senhora da Obra da Rua, que serviu 47 anos, faleceu a 27 de Outubro e foi a sepultar, no dia seguinte, no cemitério do Calvário. Celebrou-se a Eucaristia, pelas 16h00, na Capela da Casa do Gaiato de Beira, presidida pelo nosso Padre Baptista. Participaram vários Padres da Obra, os rapazes e doentes destas Casas, bem como muitos Amigos. Da nossa Casa, também estivemos presentes, em sentida homenagem. Que descanse em paz.

Alunos do Alternativo

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Tomaram posse, no dia 19 de Outubro passado, os elementos que integram os órgãos sociais da nossa associação para o biénio 2008/2010, eleitos na Assembleia-geral realizada a 6 de Julho.

Todos querem dar o seu melhor na missão que agora iniciaram, esperando obter a colaboração indispensável dos outros que, embora não fazendo parte activa dos órgãos sociais, têm a responsabilidade de não deixar morrer esta associação, que pretende congrega os que passaram pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, perpetuando o espírito de família que nos uniu enquanto gaiatos e dando contributo; dessa forma, aos padres e senhoras que educaram as diferentes gerações que por lá têm passado. Para isso estão previstas várias actividades a desenvolver ao longo do ano e que só terão sucesso se houver uma adesão significativa às mesmas por parte de todos, sejam ou não associados.

Começamos já no próximo dia 16 de Novembro, com um Magusto-convívio, na nossa Casa, para o qual se solicita o contributo de cada participante com as respectivas castanhas (já cortadas), bem como bebidas e outros complementos à merenda, que será partilhada com os Rapazes que estão actualmente na Casa.

Apelamos para que comecem a chegar por volta das 15 horas, dando tempo para assar as castanhas e preparar o lanche.

Relembramos que a nossa associação tem um sítio na Internet, no endereço: <http://gaiatoscentro.no.sapo.pt>. Se pretenderem entrar em contacto através do nosso endereço electrónico podem utilizar os seguintes: Associação de Antigos Gaiatos (aagfc@sapo.pt); Casa do Gaiato (gaiatomiranda@sapo.pt).

Cá vos esperamos, então, no dia 16 de Novembro.

Apareçam e tragam mais algum que conheçam e que, por um motivo ou outro, tem andado arredado dos nossos convívios. Todos fomos, somos e

seremos gaiatos, independentemente do rumo que levou a vida de cada um. Todos nós temos algum contemporâneo que gostaríamos de rever e relembrar episódios antigos, bem como saber do que é feito deles actualmente, dos que são seus agora e muito mais. Os nossos convívios são um excelente local para concretizarmos essas vontades. No entanto, se não puderes vir porque estás longe, mas gostarias de entrar em contacto com algum dos da tua geração, envia-nos o teu contacto que faremos os possíveis para te ajudar.

Um abraço a todos!

Chiquito-Zé

PAÇO DE SOUSA

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

No passado dia 18 de Outubro, foi apresentada a reedição do livro *Pai Américo — Páginas Escolhidas*, na Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, pelo Doutor Luís Fernandes. Alguns textos de Pai Américo foram lidos pela Eunice Muñoz e pelo João de Carvalho. A nossa «Bandinha» abrilhantou a festa, executando alguns números. O nosso muito obrigado a todos.

ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO

No dia 23 de Outubro fez 121 anos. Celebrámos a data na Eucaristia, seguida do jantar e com um delicioso bolo de aniversário à sobremesa, oferecido por uma Amiga que partilhou connosco este grande dia. Bem-haja.

DESPORTOS RADICAIS

Em 25 de Outubro, tivemos um dia dedicado aos desportos radicais proporcionado pelo Projecto «Gaiato Escolhe», implantado na nossa Casa. Os Rapazes divertiram-se bastante.

Zé Reis

DESPORTO — Depois de termos sofrido a primeira derrota, voltamos às vitórias. E uma vitória com sabor especial! Este jogo fica registado como o jogo das «ratoeiras».

12 de Outubro. Um dia de sol quente, para um jogo promissor. Recebemos, portanto, o Lusitano Clube da Retorta. Gente conhecida e aqui vizinha! Vi-

nham com muita gente; para jogar e para assistir. Assim é que nós gostamos! A nossa «claque», também não faltou e marcou presença do primeiro ao último minuto.

O árbitro, que fez um trabalho excelente, deu início ao jogo pelas 15h00. Eles marcaram o primeiro golo; os nossos Rapazes não baixaram os braços. Eles marcaram o segundo, e, os Rapazes da Casa, apesar de estarem a perder, continuavam a dar um verdadeiro «show» de bola. «Olés», era o que mais de ouvia nas bancadas por parte dos nossos apoiantes. Mesmo a perder, ninguém desanimava! «Até ao lavar dos custos, é vindima» — diz o povo!

Ainda antes do intervalo, mexemos na equipa como nos competia, e durante o mesmo, fizemos mais algumas alterações. Bom! Virou-se a humildade contra a vaidade. Tínhamos dito no balneário que era preciso ganhar este jogo, os Rapazes não fizeram «orelhas moucas» e realmente, não se pouparam a esforços. Valentes... como só eles são!

Senão vejamos: «Bonga», fez o 1-2; Fraga, o 2-2 e Agostinho, o 3-2 com direito a uma valente chapelada — realmente estava sol...!

O 4-2, esteve nos pés do «raçudo» Ilídio, mas o poste não permitiu o começo da goleada.

No entanto, estava alcançado o objectivo a que todos nos tínhamos proposto.

Um jogo de futebol impróprio para os menos pacientes, mas onde tudo acabou por correr bem. Não houve qualquer contratempo, a não ser, a já conhecida dança do «bailinho da madeira», posta em prática dentro das quatro linhas e oferecida pelos nossos Rapazes, à equipa... adversária.

Assim vai o nosso Grupo Desportivo com um conjunto e uma exibição de luxo, e ao mesmo tempo, com Ilídio e Tó-Zé a dar nas vistas, sufocando todos aqueles que julgavam que iam ser «favas contadas».

«Raça» e vontade de levar ao ponto mais alto o nome do nosso Grupo Desportivo, é o que não falta aos nossos briosos Rapazes.

Antes de terminar, queremos agradecer toda a simpatia do presidente do Retorta, senhor Aires, que no fim do jogo, teve a amabilidade de agradecer termos recebido o Clube que ele dirige. Nós, é que agradecemos a visita.

Alberto («Resende»)

PÃO DE VIDA

Palha

HÁ três décadas, desarticulou-se o Ensino técnico, com Escolas vocacionadas e mestres experientes. Apesar da escolaridade não estar generalizada, formaram-se muitos quadros intermédios que desenvolveram as actividades económicas, do Minho a Timor. Testemunhámos, num Liceu centenário, o desconcerto a que se conduziu a instrução. Desvalorizou-se a vertente prática, no processo de aprendizagem, fazendo um curso *unificado* da diversidade. Arrepiou-se caminho, e os adolescentes e jovens estão orientados nas suas aptidões?

Vários dos nossos Rapazes, com a descolagem do percurso regular e por opção, têm enveredado pelo Ensino *profissional*.

Actualmente, na era digital, é fundamental o domínio das novas tecnologias da informação e

comunicação, bem utilizadas; embora, a iliteracia seja um fenómeno instalado.

No precário mercado laboral, em que os jovens se inserem tardiamente, são indispensáveis técnicos qualificados e disciplinados, para o tecido empresarial, com um cenário de forte concorrência, numa economia trémula e aberta.

A Casa mãe da Obra, com um quotidiano de sete décadas, é um corpo vivo, em movimento e relativa osmose com várias Escolas, do distrito de Coimbra. É construtivo e saudável cultivar, também, alguns saberes familiares, necessários e terapêuticos, numa educação integral.

Um Amigo, jovem e fiel, pai de rebentos, veio trazer-nos umas botas, de operário; porque, quem tem as mãos calejadas, percebe o nosso *modus vivendi*. Aproveitou para dialogar sobre a *obrigação* que os filhos da Casa têm de trabalhar.

Durante o arco do dia, eles passam uma boa fatia do tempo nos estabelecimentos de ensino, complementado com o estudo, acompanhado, entre

Padre Américo

Páginas Escolhidas

Continuação da página 1

contemplação lírica da minha pessoa que também me impelia a ter um olhar sobre a escrita do Padre Américo.

Com textos de uma narrativa que é de cronista, no sentido que começaram a dar Eça de Queirós e Ramalho Ortigão com as «Farpas», e que teve uma tradição que vem até hoje na nossa imprensa diária, ainda. Continuam a surgir grandes cronistas nos nossos jornais. A crónica é a capacidade de, através de um quadro breve — Imaginem a entrada em casa de uma família que está com um sofrimento devido a uma situação de grande míngua, de pobreza, de doença, as famílias que o Padre Américo visitava — através de um quadro desses poderemos reflectir toda uma sociedade, reflectir todo um conjunto de processos que fabricam desigualdades, que fabricam isto de uns poucos terem muito e muitos terem pouco. Esta capacidade de cronista, com texto vivo, com texto muito à base de episódios reais, muito à base de episódios comoventes, tocantes, tinha-a o Padre Américo. Tinha-a de sobra! E, por isso, eu diria que se tivesse que ser um analista literário e inclui-lo nalguma grande categoria, o incluiria no género dos cronistas. Mas não apenas. Há aqui textos de pedagogo. A forma como ele falava dos Rapazes, dos Rapazes que andavam nas ruas e que algum dia foram parar à obra do Gaiato, a forma como ele fala deles é tocante. E eu penso mesmo que deveria ser objecto de estudo e reflexão nas nossas Faculdades de Ciências Sociais e Humanas e em particular nos cursos de Ciências da Educação. A Educação tecnicizou-se muito, deu origem a uma série de especialistas, e, às vezes, desumanizou-se em tanta especialidade que há. Porque na Educação o mais importante é a relação, é o estar. E é o estar com a alma toda. Esta é a capacidade da pedagogia, e, muitas vezes, não é possível ensinar através do manual, através de aulas, através de uma Universidade. Portanto, a pedagogia tem de ser ensinada por quem a faz. É uma atitude e veicula-se através da atitude do estar. É esse estar que nós vemos no Padre Américo pedagogo que vai aparecendo ao longo desta Obra. Diria, também, que podia inclui-lo numa outra grande área de texto, que é a do escritor político. O texto político é um texto que olha para a sociedade, procura ver onde é necessário intervir e corrigir e, uns de uma maneira com este programa, outros com outro tipo de programa, propõem soluções para a sociedade. O escrito político é isto, e o Padre Américo diz de si próprio «eu sou um revolucionário». Não tem medo da palavra e, repito, estávamos nos anos 40, 50 onde a palavra «revolucionário» era uma palavra mal vista. Mas, de facto, dei comigo a pensar como é que ele escrevia isto nesta altura. Textos de grande poder de denúncia, de denúncia das desigualdades. Dizia ele, uma coisa que me tocou logo, por exemplo, «eu falo aqui da miséria, que conheço directamente, mas a miséria não está só no tugúrio onde vive o deserdado. A miséria está, também, no palácio do rico». E a forma como ele, do modo que dizem os intelectuais, demasiado dicotómicos: ricos de um lado, pobres do outro! Os intelectuais têm medo das dicotomias, porque as dicotomias são, muitas vezes, a melhor forma de fazer ver e de falar a verdade. E o Padre Américo, às vezes, é muito dicotómico — «há fartura e há fome, há o palácio e há o tugúrio, há riqueza e há pobreza». Ele não tinha medo das dicotomias, que aparentemente são simplistas. Através delas revelava um poder de denúncia enorme. Denúncia, sobretudo, da indiferença.

Ora, tudo isto poderia ser apenas uma curiosidade histórica para vermos um Porto dos anos 40 e 50, não se desse o caso de, nos últimos anos, estarmos a agudizar na sociedade portuguesa — e eu diria até nas sociedades dos países ditos desenvolvidos, em geral — a agudizar problemas de que ele já falou nessa altura. Os países ditos desenvolvidos ou do capitalismo avançado, entre os quais Portugal se inclui de há uns anos a esta parte, estes países têm vindo, desde meados dos anos 80, e em particular desde os anos 90 para cá, a conhecer dentro de si, dentro das suas sociedades, dentro das suas grandes cidades, o aumento da pobreza, o aumento de pessoas e de grupos sociais alargados, de algum modo afastados da grande cidade, do que é a cidadania, que vivem afastados do Estado de Direito. Isto hoje tem-se agudizado, e eu digo, portanto: Trazer, agora, para o grande público este livro, as páginas escritas do Padre Américo, é uma forma de, através dos textos que foram escritos há sessenta anos, nos pôr a pensar no tempo presente, e no tão pouco que fizemos e, talvez, no modo como matámos a utopia. Isto porque, ao longo dos 60 anos, há textos de cientistas sociais, de especialistas da pobreza que dizem: «Nos nossos países, nos países mais desenvolvidos, a pobreza será erradicada, é uma questão de tempo. O crescimento está aí, o crescimento económico está aí, estamos a desenvolver. A pobreza é uma questão de tempo para ser eliminada, pelo menos nos nossos países, e a partir daí nos outros». Há hoje mais pobres do que havia nos anos 60, 70. Se não mais pobres, pelo menos indivíduos numa espiral de exclusão. Mas exclusão não é necessariamente pobreza. É, às vezes, o abandono; é, às vezes, o isolamento. Exclusão e pobreza têm andado confundidas. Não são exactamente a mesma coisa. Seja como for, nos últimos 20 anos, voltámos a ter que trazer à luz do dia esta dicotomia entre quem tem muito e quem pouco tem. E Padre Américo, para além de mostrar o que era a vida de quem vive mal, de como podíamos tentar remediá-la, mostrou também o lado dos que têm muito e não olham para quem não tem. Está, também nesse aspecto, a ser muito presente; isto é, hoje voltamos a viver um tempo que é um tempo do capitalismo neo-liberal, do capitalismo que vive da finança, da especulação financeira, dos corredores da bolsa; enfim, de tudo aquilo que nos últimos tempos temos visto entrar em espiral de crise, e está quase a explodir... Ora, este tempo de neo-liberalismo que nos prometeu riquezas fáceis, ou que nos mostrou indivíduos que enriquecem do dia para a noite, e que aparecem na televisão como heróis e dão entrevistas, e aparecem como pessoas que têm sucesso e nós não sabemos de onde é que veio aquele dinheiro, aquele sucesso.

Enfim, isto é um bocado tentador. E esta tentação espalha-se. Nós vivemos uma onda de violência neste Verão em Portugal, onde a violência não era propriamente esticar carteiras na Rua de Santa Catarina, ou andar roubar em autocarros...; era a assaltar bancos, era a ir a ourivesarias caras, era tentar a fortuna num golpe de sorte, digamos assim. Ora, este género de delinquência, este género de malfeitoria, digamos, se calhar, é instigado por um clima de neo-liberalismo que trouxe para as televisões, para o nosso espectáculo quotidiano o enriquecimento fácil. E, isso, está denunciado nos textos fantásticos do Padre Américo.

Eu não queria alongar muito mais, até porque mais importante do que me estarem a escutar sobre o livro, é ouvir Eunice Muñoz e João de Carvalho a darem voz, a voz extraordinária que têm, e o modo extraordinário de estarem em palco — isto também é um palco — certamente a deliciarem-nos com a leitura da escrita do Padre Américo. Em todo o caso, queria aqui ter deixado justamente este testemunho que me parece de uma extraordinária importância: reeditá-lo (a primeira edição é de 1974, da editorial Inova), reeditar passados 40 anos um pensamento com este poder de análise, com este poder de peda-

gogia, com este poder de falar claro e de denúncia e do trazer às gerações mais novas, numa altura em que provavelmente muitas delas nem tão pouco sabem quem era o Padre Américo. E, portanto, a capacidade de expansão que tem um Jornal diário como o «Público», poderá, certamente, fazer muito pelo pensamento e pela palavra deste homem que tem um legado muito importante, ainda hoje, e que provavelmente — e digo-o assim: se calhar, infelizmente — as suas palavras ainda são demasiado actuais. Talvez fosse bom estarmos longe de algumas coisas que ele diz.

Deixem-me só dizer mais duas ou três coisas. Também há algumas diferenças entre o que ele diz na sua obra escrita nos anos 40 e 50 e hoje. Por exemplo, ele fala muito da fome. Fala muito de uma fome no limite do intolerável, de uma fome que eu diria ser indecorosa mesmo. Eu penso que já não estamos aí, estamos um pouco longe de uma fome endémica, generalizada, das camadas mais desfavorecidas. Em todo o caso, a partir de um certo momento da nossa Sociedade Civil tomaram a seu cargo, fazer com que os mais desvalidos pudessem ter alguma resposta social. Vivemos um tempo em que o Estado Social, que de algum modo tomava conta de nós, também ele está a ceder o passo a uma outra forma de ser Estado que só fala em segurança, só fala em manter-nos seguros do crime e que, à conta de nos proteger daquilo que produz insegurança, se está a esquecer da Saúde, da Educação, da promoção da Cidadania. E há um autor das Ciências Sociais que diz que ao Estado Providência se está a suceder o Estado Penitência e que ao Estado Social se está a suceder o Estado Penal. Porque para conter as margens da pobreza que já se tornam demasiado visíveis, estamos a ter novamente a tentação de as encerrar nas prisões. Uma esmagadora maioria da população reclusa portuguesa é de pessoas de camadas sociais pobres, sobretudo de bairros sociais degradados. Portanto, estava eu a dizer: o quadro da fome já não é o mesmo e, por aqui, se calhar, não há tanto paralelo assim. Em todo o caso, a rua nas grandes cidades volta a ser lugar que ostenta desertados, que ostenta pessoas arredadas da cidadania — é um espaço que voltou a ser inóspito. E, por isso, o acto da hospedagem, o acto de abrigar, volta a ser um acto necessário e difícil de levar à prática, porque exige um coração grande.

Eu penso que a geração mais jovem, que não conhecia o Padre Américo, tem aqui um desafio que é o de parar para pensar. Nas minhas aulas, das disciplinas que leciono, tenho uma que se chama Intervenção Social para os alunos finalistas de Psicologia. Tendo que falar, justamente, no modo em que os técnicos das Ciências Sociais podem ajudar a intervir em problemas sociais graves, eu irei levar para as minhas aulas algumas passagens do Padre Américo, porque mostram como é que se faz a intervenção social: indo aos sítios, enfrentando-os com ternura e comoção, porque a intervenção social faz-se com alma e não se faz apenas com soluções técnicas, com remédios técnicos... — isso é frio, é descarnado; às vezes, chega a raiar o desumano e, depois, só serve para aproveitamento político. Pois sempre que há campanhas eleitorais vemos os nossos políticos, sejam de que quadrante partidário forem, a visitar as zonas pobres e a tirar partido da pobreza.

É isso que eu penso que é preciso evitar, é preciso tratar, é preciso ter uma atitude verdadeira com quem precisa. E, portanto, tenciono levá-lo para as minhas aulas de Intervenção Social. Por essa razão e também por outra. O Padre Américo é um homem da rua, é um homem dos Rapazes, ensina-nos uma coisa muitos anos antes de ter nome nos manuais técnicos. Depois de já ter nome, chamamos o «trabalho de pares»; mas, na altura dele, isso nem sequer era uma técnica e ele já a praticava. O «trabalho de pares» é pôr, por exemplo, o Rapaz que já foi da rua a ajudar o Rapaz que acaba de entrar na Instituição; como no trabalho das drogas é pôr indivíduos que já se desintoxicaram e já largaram as drogas a ajudar aqueles que estão justamente a tentar sair da dependência. O «trabalho de pares», que é hoje uma espécie de moda na Intervenção Social, já estava anunciada e realizada há 60 anos pelo Padre Américo.

Há aqui, pois, uma série de motivos para ler este livro que, no meu caso, que sou professor e tenho a obrigação de ser pedagogo dos futuros interventores sociais, certamente porei algumas das suas páginas como reflexão acerca das técnicas que nós hoje utilizamos, às quais damos nome e que o Padre Américo tantas vezes antecipa.

Muito obrigado.

nós. Será que as simples obrigações vão em desfavor do seu desenvolvimento psicológico, ocupando-os em algumas tarefas domésticas e ao ar livre, no campo e com os animais? Esta pedagogia não é o dito trabalho infantil, mas para o seu crescimento e regeneração, juvenil.

Entre as colheitas esperadas, das terras, com sacos de sementes de aveia, nacional, foi possível produzir e armazenar várias centenas de fardos de palha, nutritiva, para pensar o nosso rebanho e o gado vacum. Foi uma labuta bem sucedida. Bendiga a terra o Senhor (Dn 3,74). No declinar da tarde, os Rapazes libertaram-se dos restícios com mergulhos, tranquilizantes, em água

límpida, preciosa, que vai brotando das profundezas do nosso olival da mina.

Ao sistema de Ensino, regressaram prémios escolares; e desvaneceram-se os ferretes das filas dos burros.

Conta-se que, uma vez, um velho foi, com um rapaz, à feira vender um burro. No caminho, ia zurrando e muita troça fizeram deles...

É curial estarmos atentos ao ritmo histórico, que é demasiado veloz, nas suas inovações e inquietações. Mas, também, aproveitar os benefícios desta burrice pegada, educando dia-a-dia na relação e com a Criação. Os grãos, escondidos, só querem germinar da terra, com as primeiras chuvas.

Padre Manuel Mendes

Padre Carlos

MALANJE

Reflectindo

QUE os bens materiais não sejam a nossa opção. Vamos deixa-los. É breve a nossa vida. Que eles sejam, somente, para nós — na linha da nossa subsistência. Ter o necessário para vivermos com dignidade?

Sim. Acumular riquezas gera no coração incerteza e angústia.

«Senhor padre, quase todos os prédios desta rua são meus...

Dava-os por cinco minutos de paz na minha família!»

Outro, muito rico, que conheci, sofria no leito de dor num hospital. Tinha momentos de inconsciência e outros de lucidez. Num, estando lúcido, a porta do quarto abriu-se e a voz do filho para a enfermeira: «O velho ainda não morreu?»

Duas lágrimas lhe deslizaram pelas faces. Ele tinha dado tudo àquele filho... Mas, não pôs Deus no seu coração.

Não sejamos ambiciosos, nem acumulemos bens. Desprendidos ajudemos os mais pobres.

O Senhor veste os lírios do campo! Valemos mais do que um lírio! E Deus ama-nos.

* * *

Mas então, para onde vamos nós? E vamos correndo. Corremos tanto! As grande áreas de mercado extasia-nos. As televisões atiram-nos com novos produtos. Quase nos matam a pedrada! E enchemos os campos de futebol, onde gritamos tudo; os espectáculos musicais onde de braços no ar, pulamos num delírio que nos entontece.

Mas então, vamos para onde? O que é a nossa vida? O que está além da morte? Não paramos. Somos crianças que brincam na areia movediça. Paremos. Pensemos um pouco!

«A Eternidade é uma certeza!»

Padre Telmo

BENGUELA

Fogueira do amor

O bebé vinha ao colo da avó. A mãe morreu e o pai não aceitou como sua filha aquela criança. Problemas familiares nos quais as vítimas inocentes são os filhos! Há corações duros como pedras, a necessitar dum banho de humanidade. Só o amor tem a resposta digna e eficaz. Assim aconteceu. O Infantário abriu as suas portas e acolheu aquela filhinha, para que a avó não desanime.

Quem dera não faltem nunca os corações de mães para acolher e ajudar estas crianças a crescer ao calor da fogueira do amor! Quando vejo os bebés e os mais pequeninos no Infantário, ao cuidado das Irmãs Cooperadoras Paroquiais de Santa Maria, exulto de alegria, ao contemplar no presente o futuro feliz destes filhos e filhas. Vivem do que nos dão. A confiança é tão grande que não há-de faltar o necessário para manter as portas abertas! Assim esperamos. É uma consolação o trabalho na raiz que vai permitir o crescimento e desenvolvimento digno e justo destes filhos que nasceram no meio da miséria e da pobreza extrema.

Ajudar cada Rapaz a ser um homem, é a missão sublime da Casa do Gaiato. Só os corações queimados pelo fogo do amor

entendem e estão dispostos a aceitar este desafio. É a oblação incondicional da vida do pai e da mãe pelos seus filhos. Não é possível infectar sangue novo na sociedade que não jorre desta fonte. Quem me dera ver os filhos desta Casa bem acolhidos e desejados pelas empresas que actuam no mercado de trabalho! Recebi, há dias, um telefonema dum responsável empresarial a pedir-me dois Rapazes para um lugar de muita responsabilidade. Esta confiança dá-nos muita força, por um lado, e mais compromisso, por outro. Ainda estou à procura. Pôr as mãos no fogo, como preço da honestidade e lealdade, é um desafio aliciante e arriscado ao mesmo tempo. Vamos para a frente! A empresa já tem quase uma dúzia deles.

Temos sido procurados para receber alguns filhos que constituem problemas graves nas famílias e na sociedade. Estão na fase da adolescência. Pedem uma atenção específica que, de momento, não lhes podemos dar. O segredo do fruto da boa educação está no acompanhamento do educando. É muito aflitiva a falta de vocações para este serviço maravilhoso. Bem sei que abundam os focos de instabilidade social gerados por estes filhos

TAMBÉM entre nós, o direito à propriedade é algo de muito sério. Senão veja-se como os rapazes o exercem.

Uma cadelita teve cinco cachorros. Os mais apaixonados, logo resolveram fazer seu cada um deles, e selar o direito de posse atribuindo-lhes um nome. E se qualquer razão o justificar, transmitem esse direito entre eles: «este é meu, foi fulano que mo deu!»

No capítulo dos deveres, algo de semelhante se passa. No tocante às obrigações, cada um sabe onde começa e onde termina a sua. Ainda que feita com responsabilidade, geralmente os rapazes não vão além dos limites que ficaram definidos. Se alguma coisa não ficou bem, ouve-se: «esta parte não é minha é do coiso...»

De facto é bom que cada um cumpra a sua obrigação, e não espere que outro venha fazer aquilo que lhe compete a si. Esta lei tão simples, seria eficaz se as coisas corresse com esta naturalidade. Mas sabemos que não

SETÚBAL

Onde o maior mérito?

é assim. Muitos fogem à sua responsabilidade, calam a voz da sua consciência e fazem-se amigos da mentira.

Numa sociedade ideal, o exercício dos direitos e dos deveres por todos, torná-la-ia uma sociedade justa. Como é difícil chegar lá, temos a sociedade real, onde com o esforço de alguns e a generosidade de uns poucos, se vão tapando as brechas que uma grande parte vai abrindo no tecido social.

Também entre nós tem de ser assim. O extrapolar dos direitos, que alguns forjam no interior do seu pensamento, e o desvalorizar os deveres pela força do comodismo, só são vencidos graças à generosidade de uns poucos.

Pois se quem define e faz cum-

prir os direitos e deveres, cumpre uma função, quem supre as falhas dos que não cumpriram, dá-se, pelo seu coração. Neste está o centro da vida.

É verdade também que quem exerce a função tem o poder. E quem se dá de coração tem o sofrer. Onde o maior mérito?

Em determinadas ocasiões, quando lhe é conveniente, quem detém o poder levanta um bocadinho o que faz da sua vida um sopro de generosidade. Mas, depois, tudo volta ao que já era. Uns mandando, outros dando-se.

É assim que o fermento actua e vai levedando a massa; e assim o mundo se vai fazendo melhor.

Não nos falte nunca, Senhor, este fermento!

Padre Júlio

Património dos Pobres

MUITO me eleva sentir os Padres com as dores dos Pobres às costas.

Quando este sofrimento é acrescido, agora, de incapacidade material e social, e quando estes sacerdotes deram aos Pobres tudo quanto ganharam, ficando sem nada, e fizeram de toda a sua vida uma doação contínua, completa e permanentemente aperfeiçoada, sinto-me humildemente e comprometido com eles.

Apesar de toda a boa abertura que alguns meios de comunicação social têm levado às populações do interior, mais afastadas das cidades, nem sempre é possível chegar a algumas ajudas legais a que os mais ignorantes e mais sofridos têm direito.

Aparecem sempre entraves, desculpas e o ostracismo a que as pessoas são votadas é evidente. Não nos incomodem. Eles não merecem. Parece-nos viver noutro planeta, ou, pelo menos, noutro Continente.

Foi por carta, duas vezes repetida, e por telefone que aquele sacerdote, também fisicamente impossibilitado me «pressionou» — não como quem violenta, mas como quem suplica, em lágrimas e lamentações — que valha a determinada família.

— Eu vou lá!... Eu vou lá ver. — repeti-lhe sem conseguir sossegá-lo.

Quero assumir toda a tragédia na sua amplitude. Já os tinha ajudado algumas vezes, mas, agora, não respondi ao apelo com aquela prontidão porque queria deslocar-me lá para me inteirar e não ficar em paliativos de ocasião.

Fui!... mas sem tempo!... A viagem longa, o caminho incerto e a rua desconhecida, com os dias pequenos, a noite fechou-se contra a nossa previsão. A escuridão desaconselha a visita ao desgraçado.

Quanto mais escuras são as vidas, mais nós temos necessidade de luz.

Era uma ruazinha estreita numa povoação do interior ribatejano.

A iluminação, escassa, da rua não permitia

observar os pormenores. Via-se o número da casa, as janelas partidas e sem vidros, tapadas a papelão, a porta de entrada apodrecida e remendada com um taipal de madeira.

Batemos. Chamámos. Meti mesmo a cabeça por um caixilho desfeito e gritei, chamando alto várias vezes... Ninguém. Naquela morada só trevas!

Terão saído? Não regressaram ainda a casa, a estas horas e ao Domingo?!... Perguntas que se cravaram no meu peito aflito e me incomodavam a sério.

— Porque não vim mais cedo?

Pelo que me pareceu, a morada não tem electricidade nem água. Também não tinha jeito de curral de animais, muito menos de habitação de pessoas.

«O que aqueles Pobres têm passado...», escrevia-me o santo sacerdote.

Não poderá ser uma visita de passagem, concluiu eu, mas um dia inteiro, a começar no meio da manhã e sem tempo marcado nem mais que fazer.

A Igreja tem, ali, fraca implantação.

Falar com os vizinhos, encontrar alguém que vigie, que apoie, que ame. Pessoas humanamente evoluídas, capazes de aceitar a pureza do nosso propósito e colaborar connosco na decisão de inverter esta descida para o abismo naquela família; a começar devagarinho, mas numa evolução positiva e constante.

Reconstruir e adaptar o miserável casebre, foi, logo, o meu primeiro impulso. Cobrir as necessidades primárias e proporcionar-lhes um ambiente de limpeza e dignidade, embora sóbrio, que os elevasse, os fortalecesse contra as terríveis asperezas da vida.

Brevemente darei mais notícias.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato

Trv.ª Padre Américo

3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

que foram atendidos a tempo e horas. Apetece-me dizer que para atender todos os casos que nos chegam à porta, seria necessária uma Casa do Gaiato em cada bairro. Parece exagero!

Já temos referido, várias vezes, que o futuro de grande parte das crianças à nossa volta e muito

mais longe, está comprometido, porque nascem fora da família, de progenitores sem qualquer preparação, a título de experiência, muitas vezes. Nascem com a porta aberta para a rua. É um fenómeno que tende a crescer, se as forças vivas da sociedade, com a Igreja na vanguarda, não se

comprometerem mais no serviço de formação e acompanhamento das famílias, com as crianças, adolescentes e jovens. É um trabalho que começa e não tem fim. É de sempre.

Com muita esperança vamos continuar a trabalhar.

Padre Manuel António